

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.15022020339-347>

A SALVAÇÃO DO BELO SAVING BEAUTY

[HAN, BYUNG-CHUL. A SALVAÇÃO DO BELO. TRADUÇÃO DE
GABRIEL SALVI PHILIPSON. PETRÓPOLIS, RJ: VOZES, 2019. 126 P.]

Adilson Cristiano Habowski*

Elaine Conte**

Carla Milbradt***

A salvação do belo, de Byung-Chul Han, possui quatorze capítulos e aborda as questões do belo nos dias de hoje, passando pelos efeitos estéticos da sociedade atual (belo como uma pseudopresença no mundo), corporificados na positividade dos *likes* e na negação ou extinção de seus contrários. Han dá visibilidade a uma mistura de linguagens que desperta nossos sentidos, sem recair em esquemas sedutores de idolatria da imagem, que substitui o belo da vida concreta pela paralisia, ilusão e fetiche do tempo (da repetição por fingir estar vivo e não avançar), tecendo uma crítica social aos véus de fumaça que causam a atrofia da criatividade humana. “O belo é um oposto no qual toda forma de dependência e coerção desaparece”. (HAN, 2019, p. 80).

Desde o primeiro capítulo intitulado *O liso*, o autor faz severas críticas à nossa época justificadas no caráter artificial da estética autorregenerativa, esvaziada de sentido, que faz desaparecer rapidamente qualquer risco, negatividade, aprofundamento, distanciamento ou entrave à comunicação acelerada pelo seu caráter adaptável, fruível, consumível e de ausência de resistência (HAN, 2019). O efeito da imediaticidade e do espelhamento da realidade “não dá nada a interpretar, a decodificar ou a pensar. É uma arte para dar *like*”, reproduzir e consumir informações, sem confrontar-se com o outro (HAN, 2019, p. 09). Com o *smartphone*, o si mesmo resume à própria história convertida em uma espécie de *anestesiamento* e banalidade da vida cuja *experiência* fica esmorecida, eliminando totalmente a *alteridade e a contaminação* de uma distância estética. Para Gadamer, a negatividade é essencial para a arte, visto que a obra de arte pressupõe o diverso e as ambivalências. A visibilidade do sempre igual exaustivo arruína o olhar provocativo e desperto, tornando alisado o “movimento oscilatório do imaginário [pois],

* Mestrando em Educação pela Universidade La Salle - Canoas/RS, na linha de pesquisa: Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com.

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2012). Professora da Universidade La Salle - UNILASALLE, Canoas, atua no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação. Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq, com financiamento do CNPq e do Programa Primeiros Projetos da FAPERGS. E-mail: elaineconte.poa@gmail.com.

*** Graduação em Artes Visuais Licenciatura - Centro Universitário Leonardo da Vinci (2018) - UNIASSELVI. Pós-Graduação em Arte Educação na UNIASSELVI. Pós-Graduação em Docência no Ensino Superior na UNIASSELVI. Mestranda em Educação na Universidade La Salle.

não há *nada a ser visto*. [...]. Dados e informações ficam à disposição da visibilidade total e tornam tudo visível” (HAN, 2019, p. 16-20). As ações operacionais tornam transparentes as coisas estereis ao submeterem tudo ao utilitarismo e ao imediatismo de ações controláveis, vazias de diálogo cultural.

A comunicação lisa está livre da negatividade do outro e do estrangeiro. A comunicação atinge sua velocidade máxima ali onde o igual reage ao igual. A resistência que vem do *outro* gera interferência na comunicação lisa e polida do igual. A positividade do liso, do polido, acelera a circulação de informação, comunicação e capital. (HAN, 2019, p. 21).

Soma-se a essa discussão, o processo de *deslinguajamento* trazido no capítulo 2 - *O corpo liso*, desfocado, inexpressivo e aprisionado em si pela autorreferencialidade (desidentificada, fixa e vazia do *selfie* viciante), em tempos de ausência de relação com o mundo. Justamente essa inquietação, esse *medo de si*, torna, levando a um *funcionamento em vazio*, em *looping*, que não é capaz de cessar nunca. Em face disso, a hiperestimulação viciante da *selfie* reproduz o vazio da própria corporeidade humana em registros de dados digitais. “O *quantified self* transforma o corpo em uma tela de controle e vigilância. Dados são reunidos para serem colocados e trocados na internet. [...]. O *corpo transparente* não é mais uma cena *narrativa* do imaginário”, mas algo que permanece no retorno imediato da parcialidade de dados que não transforma as formas de pensar quem somos em diálogo com a globalidade (HAN, 2019, p. 25-26).

A *estética do liso* é abordada no capítulo 3 como um fenômeno genuinamente contemporâneo que torna o belo e o sublime impotentes e arruinados porque ficam isolados em positivities de expressão do sujeito, sem a dimensão da contradição, da negatividade que aprofunda a beleza. “Os corpos que dão o prazer ao tato não deveriam opor *resistência*. Devem ser lisos. O liso é, portanto, uma superfície *otimizada sem negatividade*. Provoca uma sensação completamente sem dor e resistência” da cultura do consumo (HAN, 2019, p. 29).

O autor discute *O belo digital* no capítulo 4, que bane a negatividade do não-identico, visto que não consegue descentrar-se para o “*totalmente outro* de si mesmo. Ela (a negatividade) arranca o sujeito de seu aprisionamento em si mesmo”. (HAN, 2019, p. 38).

O belo natural é o oposto do *belo digital*. No belo digital, a negatividade do *outro* foi totalmente anulada. [...] Seu signo é complacência sem negatividade, a *curtida*. O belo digital forma um *espaço liso do mesmo* que não admite estranheza, nem *alteridade*. O puro *interior* sem exterioridade é seu modo de aparência. Torna até mesmo a natureza em uma *janela* de si mesmo. Graças à digitalização total do ser, alcançou-se uma humanização total, uma subjetividade absoluta, na qual o sujeito humano se depara apenas consigo mesmo. (HAN, 2019, p. 40-41).

O processo criativo é uma ação transformadora que muda o belo natural e o próprio sujeito em obra, cuja temporalidade da vida é processual, é um *dever* imaginativo e não mera contingência como ocorre na temporalidade do belo digital, do presente imediato, a-histórico e sem *futuro*. Nas palavras do autor,

Permite apenas *diferenças* consumíveis, úteis. A *alteridade* dá lugar à diversidade. O mundo digital é um mundo que os humanos distenderam, por assim dizer, com sua própria pele-rede, com sua própria retina. Esse mundo humano *co-nectado* em rede leva a um autoespelhamento permanente. Quanto mais densa se tece a rede, mais profundamente se instaura uma tela entre o mundo e o outro, o fora. A retina digital, essa pele conectada digital, transforma o mundo em uma imagem na tela e em uma tela de controle. Nesse espaço visual autoerótico, nessa *interioridade digital*, não é possível surpresa ou maravilhamento. Curtindo, os humanos se encontram apenas ainda em si mesmos. (HAN, 2019, p. 42).

Em contrapartida, no belo natural reside uma *distância*, a partir da qual a natureza consegue falar. No capítulo 5 Han projeta a *Estética do velamento*, que traduz o *belo como algo oculto*, tendo no encobrimento a provocação essencial da beleza. Cabe notar que a transparência, assim como a revelação, desencanta o sentido espaço-temporal do belo. A beleza permite ao sujeito olhar para o incomunicável e para o indecifrável segredo da contemplação que nem a empatia, nem a observação ingênua do *conhecimento* conseguem desvelar. No entanto, a transparência das (des)informações necessariamente não ocultam metáforas, mas tornam presente o caráter instrumental de produzir alguma coisa e revelar/adorar a *aparência* do que se fez.

No capítulo 6, Han aborda a *Estética do ferimento* para desmistificar a sociedade da positividade que cada vez mais diminui a negatividade (os esconderijos, as rupturas, inquietações e fissuras), para evitar a vulnerabilidade e o estranhamento de aprender a ver na experimentação perigosa (estética do ferimento, da resistência e do reconhecimento) com o *outro*. “Sensibilidade é vulnerabilidade. O ferimento é, seria possível dizer, o *momento da verdade da vista*. Sem ferimento não há *verdade* nem percepção *verdadeira* (do desconhecido). Não há verdade no *inferno do igual*”, das coisas homogêneas (HAN, 2019, p. 52). O consumo voraz das imagens midiáticas torna impossível desacelerar e apreciar a temporalidade da imaginação criadora, porque é exigido que tudo seja acessível imediatamente.

A percepção de imagens digitais se realiza como contágio, como afecção, como contato imediato entre imagem e olhos. Nisso consiste sua obscenidade. Falta-lhe a *distância estética*. A percepção como contágio não deixa os *olhos fecharem*. [...] O contato imediato entre imagem e olhos permite apenas o *affectum*. O meio digital é um *meio de afeto*. Afetos são mais rápidos do que sentimentos ou discursos. Eles aceleram a comunicação. [...] O *affectum grita e excita*. Produz apenas exaltação e estímulo sem palavras que provocam uma curta imediata. (HAN, 2019, p. 59).

No capítulo 7, *Estética do desastre*, é percebida a violência projetada na *interioridade* da razão ou do espírito quando o sujeito fica sem limites e esvaziado dos estímulos externos a si, do *totalmente outro*. Por isso,

A *estética do desastre* opõe-se à *estética da complacência*, na qual o sujeito goza de si mesmo. Ela é uma *estética do acontecimento*. Pode ser desastroso também um acontecimento imperceptível, um pó branco que uma gota de chuva faz alçar, uma neveda silenciosa na aurora, um aroma rupestre no calor do verão, um *acontecimento do vazio* que esvazia o eu, que o desinterioriza, o dessubjetifica e, com isso, o alegra. Todo acontecimento é *belo*, pois *desapropria* o eu. O desastre significa a morte para o sujeito autoerótico apegado em si. (HAN, 2019, p. 63).

A negatividade e o indiferenciado formam as diferenças do belo e é isso que constitui a ambivalência entre o belo e o horrível. “A imagem do belo como de um uno e diferente surge com a emancipação do medo diante do todo violento e do caráter indivisível da natureza”. (HAN, 2019, p. 64-65).

A racionalidade em formação é instruída pela *mimesis* que se aconchega no sem-forma, no horrível. No espírito reside a mimética *saudade do derrotado* que nada mais é do que o horrível. O belo está localizado entre o desastre e a depressão, entre o horrível e o morto-vivo, entre adentrar do outro e petrificar-se em igual. A ideia do belo natural de Adorno dirige-se justamente contra a identidade rígida da forma. É um atestado do não-idêntico. (HAN, 2019, p. 65-66).

As formulações paradoxais da estética permanecem na sombra e no encantamento, isso nos faz lembrar que sem a negatividade e as inconformidades no relacionamento com a vida, o belo da dimensão pedagógica, órfão de percepção da própria utopia e esperança concreta, se atrofia em liso (morto-vivo, sem divergência e resistência do seu outro). “A negatividade é a força viva da vida. Ela forma também a essência do belo. No belo reside uma *fraqueza*, uma *fragilidade*, uma *fratura*”. (HAN, 2019, p. 67).

No capítulo 8, Han problematiza *O ideal do belo* de Kant (da beleza contemplativa *desinteressada* e isolada em sua positividade ético-estética) até chegar a uma estética do consumo. “No regime estético atual, ao contrário, é produzido muito estímulo. Justamente nessa enxurrada de estímulo e excitação, o belo desaparece. Ela não permite uma distância contemplativa do objeto, levando ao consumo”. (HAN, 2019, p. 69). O ideal do belo em Kant expressava uma beleza moral e caráter despojado do consumo (belo como a sexualização do corpo), isto é, o belo era concebido em bases racionais.

Ser *sexy* é oposto da beleza moral ou da beleza de caráter. Moral, virtude ou caráter têm uma temporalidade específica. Baseiam-se na duração, solidez e consistência. O caráter significa originalmente o signo gravado, marcado no fogo, indelével. A imutabilidade é sua característica principal. (HAN, 2019, p. 72).

O consumo mistifica a solidez da cultura tornando as pessoas imersas em informações sobre consumo de tudo, sem caráter, sinceridade ou sensibilidade com o outro. Na verdade, o consumo indiscriminado faz com que exijamos muita imaginação, consistência e empenho do outro, mas não temos moral para exigir do outro o que não fazemos. “Uma solidez de caráter não permite uma *dualidade de inimigos*. [...] Assim, o inimigo é *nossa própria pergunta como figura*. Um único amigo verdadeiro seria também a prova de que se tem um caráter sólido. [...] O *Facebook* é o *mercado da falta de caráter*”. (HAN, 2019, p. 73-74). Parece que perdemos a capacidade de desmistificar, de imaginar em proveito da economia da imagem pronta e da ordem (mar sem caráter do *acesso*) sem fronteiras do digital. “O caráter sólido não consegue se conectar bem. [...] Na era da conexão, globalização e comunicação, um caráter sólido é apenas obstáculo e desvantagem. A ordem digital celebra um novo ideal. Chama-se o *homem sem caráter*, o *liso sem caráter*”. (HAN, 2019, p. 75).

O segredo dos segredos está inscrito no capítulo 9, *A beleza como verdade*, que manifesta no verdadeiro o bonito, o ético e a unidade com a realidade, e permite uma dupla leitura, tendo como base o pensamento de Hegel. “Por um lado, é possível lê-la pela interioridade subjetiva que não conhece nenhum exterior, nenhum desastre. É possível, por outro, uma leitura que se movimenta ao longo da dimensão da liberdade e da reconciliação”. (HAN, 2019, p. 76).

Belo é essa reunião, essa congregação no *um* que permite “centenas de singularidades retornar de sua dispersão para se concentrarem em *uma* expressão e *uma* figura”. O conceito é aquilo que reúne, media e reconcilia. Não tem, assim, “nada a ver com a massa”. Nenhuma “massa” é bela. O conceito cuida para que o todo não desvirtue-se a ponto de virar uma “massa”. (HAN, 2019, p. 76-77).

O conflito e o acordo livre movimentam a ação na totalidade do mundo que é abertura e direito à liberdade (não aniquila ou domina as singulares), porque tem na pluralidade e heterogeneidade a unidade harmônica (ideia de totalidade, da mediação e da reconciliação) hegeliana. “A verdade é a reconciliação. A verdade é a liberdade. [...] O conceito produz uma totalidade harmônica. Bela é a disposição conjunta a-coercitiva das partes em sua totalidade”. (HAN, 2019, p. 78).

O objeto [*Objekt*] belo é um oposto pelo qual também o sujeito ganha uma relação livre. O sujeito não é livre perante um objeto [*Gegenstand*] enquanto for dependente dele ou, procurando submetê-lo à sua vontade, ao seu fim ou aos seus interesses, deparar-se com sua resistência. O *estético* assume uma posição de *mediação, do meio*, entre o *teórico* e o *prático*. (HAN, 2019, p. 79).

O universo das artes confere autonomia, liberdade e confronta o homem com os seus impulsos consumistas (nenhuma mercadoria seria bela, excluem-se mutuamente, pois a posse é a morte do desejo e a arte não se submete ao consumo, ao interesse e à especulação), limites, inacabamentos e paixões, no sentido de que há resistência do próprio sujeito na relação com os objetos de arte, pois, “apenas o belo ensina a *demorar-se sem-interesse*. [...] Perante o belo desaparece também a separação entre o sujeito e objeto [*Objekt*], entre eu e o que me põe [*Gegenstand*]. O sujeito *afunda-se contemplativo* no objeto e se une, conciliando-se com ele”. (HAN, 2019, p. 81). Para o autor, sem verdade e apenas convivendo com uma massa ruidosa e aditiva do digital que é oposta à narração o belo transforma-se em pseudomorfose – indício de reificação da cultura e do tempo de pensar.

O belo promete liberdade e conciliação. Diante do belo, anseio e coerção desaparecem. Assim, ele torna possível uma relação livre diante do mundo e de si mesmo. A estética do belo de Hegel é diametralmente oposta ao um regime estético de hoje. Botox, bulimia e operações de beleza espalham seu terror. O belo deve gerar, sobretudo, atração e atenção. Mesmo a arte, que para Hegel é *inalienável*, está submetida hoje totalmente à lógica do capital. A liberdade da arte subordina-se à liberdade do capital. (HAN, 2019, p. 84).

No capítulo 10 orienta-se uma discussão sobre a *Política do belo* na *antropologia em sentido pragmático* de Kant, e no sentido Aristotélico do homem livre de necessidades, urgências da vida e obrigações de qualquer economia, ou seja, é oposta ao *trabalho* e ao *negócio*.

A ação constitui a vida do político (*bios politikos*). Não está subordinada ao veredito da necessidade e da utilidade. Nem trabalho, nem produção, é uma *bios politikos*. Trabalho e produção não pertencem às formas de vida que são dignas de um homem livre e nas quais a verdade se manifesta, pois produzem apenas necessidades de vida e utilidades. Não ocorrem de sua *própria vontade*. Devido à sua falta de liberdade e determinação externa, não são belas. Uma vez que organizações sociais são necessárias para a convivência humana, não representam nenhuma ação política genuína. Nem necessidade, nem utilidade são categorias do belo. Os políticos, enquanto homens livres, devem produzir belos atos para além da necessidade da vida e da utilidade. Ação política significa começar algo totalmente novo. (HAN, 2019, p. 86-87).

O autor inaugura o termo *sexydade* para explicar que toda forma de coerção ou de necessidade instituída pela utilidade sabota e priva a ação de beleza e acrescenta, “o orçamento ou a gestão, necessários para a conservação de uma comunidade, não são atividades genuinamente políticas”. (HAN, 2019, p. 87). Em outras palavras,

O belo (*to kalon*) vai além, tanto em Platão como também em Aristóteles, do sentimento estético. A ética da felicidade (*eudaimonia*) de Aristóteles se manifesta como *ética do belo*. Também se aspira à justiça devido à sua beleza. Platão a tem em conta como o mais belo (*to kalliston*). Na *Ética eudêmica*, Aristóteles insere o conceito original de *kalokagathia*, o *belo e bom*. O bom é subordinado ou delegado aqui ao belo. O bom realiza-se no brilho do belo. A política ideal é a *política do belo*. (HAN, 2019, p. 87-88).

Han arrebatava esse debate afirmando que, atualmente, nenhuma *política do belo* é possível porque está subordinada às coerções sistêmicas que desvincula a justiça da beleza. “Ela não *age, trabalha*. A política deve oferecer uma alternativa, uma *escolha* real. Senão ela se deteriora, tornando-se uma ditadura. O político como lacaios do sistema não é um homem livre em sentido aristotélico, mas um servo” que sofre de insônia porque dele é retirada toda a energia ao exercício da cidadania participativa pela sobrecarga de trabalho. (HAN, 2019, p. 88). Há o risco de retirar os direitos de convívio ético-moral, do *belo* de convivência no espaço público, que tem a alegria estética da justiça social em benefício de todos ao invés de experiências narcísicas e *anestésiantes* do consumível. “Perante o objeto de consumo, toma-se uma posição *central*. Essa postura consumista dilapida a *outridade do outro*, em prol da qual se *fica ao lado* ou *se retira*. Ela aniquila a *outridade do outro*, a *alteridade*”. (HAN, 2019, p. 91).

No capítulo 11 é discutido *O teatro pornográfico* que evita desvios temporais, dialógicos, porque tudo revela, distinguindo-se do erótico, que tem uma sinuosidade indireta, *irrevelável* e preza pelas *distâncias cênicas* que *circulam* mas que “se diferenciam das *informações ocultas, retidas*, que podem ser reveladas. Pornográfico é justamente a revelação progressiva até à *verdade* ou à *transparência*”. (HAN, 2019, p. 93). O conteúdo dessa experiência teatral leva o autor a afirmar que “a habilidade de

diálogo, a habilidade de outridade, de escuta atrofia-se hoje em todos os níveis. O sujeito narcísico de hoje percebe tudo apenas ainda nas sombras de seu *self*. É incapaz de ver o outro [...]”. (HAN, 2019, p. 93).

Nesse mundo digital com diferentes línguas existentes, há um enfraquecimento da ligação dialógica e da melodia das línguas no palco narrativo do espaço democrático, fazendo surgir o vazio de ações justas (um *teatro-afeto*) em determinados âmbitos do utilitarismo, que reduzem até a cultura à corrupção. “Afetos não são estruturados dialogicamente. Neles está inscrita uma *negação do outro*” pela fugacidade dos sentimentos duradouros por isolamentos e monólogos (HAN, 2019, p. 94). Os patrimônios da humanidade – arte, cultura, música e a defesa da natureza, precisam de espaços de jogo teatral e de humanização porque o belo da natureza também é cultura, que implica transcender o si mesmo em direção ao outro. Afinal de contas, quando eliminamos a cultura cultivamos só a barbárie.

Han no capítulo 12 traz a questão do *Demorar-se no belo*, a partir da súplica de Fausto (*demora-te ainda, és tão belo*), que convida à permanência contemplativa do belo. Ao se observar o belo, também traz a concepção da arte de Schopenhauer, assim referida: “que a alegria estética no belo consiste em que, alcançando o estado da contemplação pura, dispensamos por um momento todo querer, ou seja, todos os desejos e inquietações, desfazendo-nos igualmente de nós mesmos” ao mergulharmos no belo saímos de uma vida domesticada e somos cativados pelas relações (HAN, 2019, p. 96).

A imersão no belo, na qual o querer recua e o *self* se retira, gera um estado no qual o tempo por assim dizer fica *parado, saciado, quieto* [*still*]. A ausência do querer e do interesse faz o tempo *parar* [*still*], *sacia e aquieta* [*stille*] o tempo. Essa *tranquilidade* [*stille*] diferencia a observação estética da mera percepção sensível. É diante do belo que a visão advém. Não mais se afugenta, se arrasta. Esse *advento* é essencial para o belo. (HAN, 2019, p. 97).

A humanidade e a cultura necessitam reconhecer que não somos ilhas e que a demora que supera o tempo da violência e do consumo aplica-se ao *outro*, pois dependemos uns dos outros. “A tarefa da arte consiste, desse modo, na *salvação do outro*. *Salvação do belo é salvação do outro*. [...] na medida em que se defende contra a fixação na subsistência [*Vorhandenheit*]”. (HAN, 2019, p. 98).

Hoje o tempo áureo desapareceu totalmente em prol do tempo do trabalho, que está se totalizando. Mesmo a pausa está integrada ao tempo do trabalho. Ela é apenas uma pequena quebra no tempo do trabalho, no qual a gente se recupera para novamente pôr integralmente à disposição do processo de trabalho. A pausa não é senão o outro tempo do trabalho. Ela não melhora a qualidade do tempo. (HAN, 2019, p. 99).

O autor cita a obra *A atualidade do belo*, de Gadamer, para relacionar a arte com a união, a arte de aprender, e faz analogias com a celebração da festa em sua particularidade linguística. “Na festa, domina um outro tempo. [...] Não há meta à qual seria preciso se dirigir. Justamente o dirigir-se é que faz o tempo passar. *A celebração da festa suspende a passagem*. Na festa, no tempo áureo, reside algo eterno”. (HAN, 2019, p. 100).

Hoje, obras de arte são negociadas sobretudo nas *vias comerciais e nas bolsas de valores*. Elas não possuem nem valor de culto nem valor de exposição. É justamente seu puro *valor especulativo* que as submete ao capital. Hoje, o valor especulativo se manifesta como valor supremo. (HAN, 2019, p. 101).

No capítulo 13, *A beleza como reminiscência*, é desenvolvida a ideia, inspirada em Walter Benjamin, de que a lembrança é a força da existência humana, uma arte bela de rememorar (escolher caminhos de ligação narráveis e reconhecimentos que nos unem), e não apenas como algo agradável voltado para o consumo.

A internet das coisas, que conecta todas as coisas umas com as outras, não é narrativa. Comunicação como troca de informação não conta nada. Apenas enumera. Belas são ligações narrativas. Hoje, a adição suplanta a narração. Relações narrativas recuam de conexões informacionais. A adição de informações não resulta em uma narração. Metáforas são relações narrativas. Levam, uns com outros, coisas e acontecimentos à linguagem. (HAN, 2019, p. 106).

O autor defende a criação de vínculos e o trabalho com a inteligência emocional para metaforizar o mundo, ou seja, poetizar e descobrir as ligações ocultas entre os acontecimentos históricos como reminiscências da experiência com os outros e com as condições de possibilidade de indagar-se, explorar, expressar e conhecer-se. Assim, surge o belo como (re)encontro e (re)conhecimento que desbloqueia a comunicação singular com o mundo na experiência da arte que transcende a própria realidade.

O último capítulo encerra onde verdadeiramente inicia o diálogo indeterminado e criativo com a arte, a *Criação no belo* (teoria platônica). “Diante do belo, a alma é levada a produzir ela mesma algo belo. Ao se olhar o belo, o eros desperta uma força criadora na alma. Por isso se chama “criação no belo” (*tokos em kalo*)”. (HAN, 2019, p. 109). O pensamento de Heidegger soma-se à argumentação quando coloca o belo na condição ontológica e poética do ser que modifica a compreensão da realidade. “Ser é entendido, contudo, na ambição de ser ou, como dizem os gregos, no eros. Ao belo é outorgada uma consagração ontológica. *A diferença ontológica* é o que diferencia o ser do ente (tudo que é). [Ser] é o horizonte de compreensão e de sentido[...]” na relação vinculativa com o mundo em transformação (HAN, 2019, p. 110). No entanto, uma nova verdade desloca o belo do acontecimento *poético* da diferença ontológica para um mero existente, disponível, utilitário e autoevidente pela curtida imediata. “*A criação no belo* dá lugar ao belo como *produto*, como objeto do consumo e do gosto estético, da curtida. [...]. A crescente estetização do cotidiano torna impossível agora a experiência do belo como experiência da vinculação” e da curtidão volátil (HAN, 2019, p. 112).

A discussão realizada ao longo desse estudo evidenciou uma obra que é inspiradora e sensível ao nosso tempo, porque traz diálogos em torno da sociedade e metáforas com diferentes pensadores da história. Diante da contingência radical, o autor traz nesse livro uma temática difícil de ser abordada, mas consegue alcançar o leitor com secretas analogias de busca de sentido da arte, organizando as formas de conhecimento que compõem o belo e o feio da humanidade, cujo conteúdo pode harmonizar a lembrança da

vinculação da linguagem falada (em sua expressão e liberdade) e a miséria sintetizada pela crise do belo objetificado (liso da curtida) e consumido. A obra é um convite para pensar a atualidade da arte que com a mistura de linguagens pode substituir o contato com os problemas da vida cotidiana. *A salvação do belo* é uma brilhante diligência para entender o universo digital da confrontação e vinculação com o outro, com a natureza e com a realidade da cultura humana na vida em sociedade.

Recebido em 25/05/2020. Aprovado em 15/06/2020.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.